

A IDEOLOGIA DA GLOBALIZAÇÃO

Maria Angélica Peixoto

Professora da IFG – Instituto Federal de Goiás; Doutora em Sociologia pela UFG – Universidade Federal de Goiás.

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht

A globalização é um tema da moda e a palavra possui um amplo uso comum. Os modismos são sempre problemáticos. Eles expressam uma força ideológica e por isso podem ocultar a realidade ao invés de desvelá-la. Esse é o caso da ideologia da globalização. É uma ideologia e não uma realidade. Isso quer dizer que é um discurso falso sobre a realidade e que nomeia e diz falar da realidade, mas cria uma ficção sobre a realidade. Deriva daí, a necessidade de questionar a ideologia da globalização, que é o meu objetivo no presente texto.

A ideologia da globalização foi criticada por vários autores. O seu auge enquanto moda foi nos anos 1990, época de consolidação do regime de acumulação integral, a nova fase do capitalismo, e do chamado “pensamento único”, momento em que a ideologia neoliberal se tornou soberana, ao lado de outras: pós-estruturalismo, e a própria ideologia da globalização. O uso de dessa terminologia e interpretação da realidade diminuiu, mas ainda persiste.

Um dos primeiros autores a discutir globalização no Brasil foi Octávio Ianni (IANNI, 1992, IANNI, 2001). O seu livro *A Sociedade Global* (1992) foi pioneiro no Brasil. Nessa obra, Ianni apresenta um conjunto de autores estrangeiros que discutiam vários aspectos do processo denominado como “globalização”. Novas formas de sentir, agir e pensar, eram uma das características da sociedade global. Depois dele, uma boa gama de outros autores produziram diversas obras, livros estrangeiros foram publicados e o modismo dominante se intensificou nos anos 1990 a respeito das relações internacionais. Pouco depois, começaram a surgir contribuições que apontavam os limites da ideologia da globalização (VIANA, 1995), e posteriormente, estas críticas se ampliaram no exterior e no Brasil (BOURDIEU, 2004; BOURDIEU, 2001; BAUMAN, 1999; FORRESTER, 2001; VIANA, 2009).

Um dos problemas dessa ideologia começa pelo seu termo chave: globalização. O que é globalização? Ela “é uma realidade presente (econômica, política e cultural), produto do aceleração do intercâmbio de mercadorias, capitais, informações idéias entre vários países, reduzindo fronteiras geográficas” (BARBOSA, 2007)¹. Este autor, que sintetiza um conjunto de ideias soltas sobre a suposta globalização, acrescenta que as principais características da globalização residem no fato de que com este fenômeno há também, através da internet, o acesso a notícias do mundo inteiro em tempo real; os produtos passam a ser internacionais; as empresas produzem mercadorias em outros países, empresas como a Nórdica, Nike entre outras. O turismo internacional e o deslocamento aumentaram e ocorrem fusões e aquisições de grandes empresas. A globalização não é só econômica, ela atinge o mundo dos esportes, a cultura, os valores, provoca discussão sobre direitos humanos e sociais a nível mundial e proporciona mudanças nos movimentos sociais. O autor define globalização da seguinte forma:

¹ Veja uma resenha crítica dessa obra em: Viana, 2011.

Revista Posição

A globalização caracteriza-se, portanto, pela expansão dos fluxos de informações – que atingem todos os países, afetando empresas, indivíduos e movimentos sociais –, pela aceleração das transações econômicas – envolvendo mercadorias, capitais e aplicações financeiras que ultrapassam as fronteiras nacionais – e pela crescente difusão de valores políticos e morais universais.

Essa definição, bem como a anterior, do mesmo autor, é extremamente descritiva e que nada explica, bem como não coloca nenhuma novidade em relação ao passado da sociedade capitalista. Esses processos (fluxos de informações, aceleração das transações econômicas e aplicações financeiras, difusão de valores) sempre existiram no capitalismo e faz parte de sua história. O que muda é o ritmo e os novos meios de comunicação que surgem ou se aperfeiçoam. Assim, o termo globalização neste autor não tem nenhum significado relevante e nem explica a realidade social e as mudanças sociais. Da mesma forma, um grande número de autores usa o mesmo termo sem fornecer sequer uma definição, surgem também diversas definições distintas e que focalizam coisas diferentes – comunicação, economia, tecnologia, cultura...

É preciso, portanto, explicitar o caráter ideológico dessa concepção. A ideologia da globalização é um sistema de pensamento ilusório que aponta para a emergência de um fenômeno novo, que seria a globalização. Assim, os ideólogos da globalização querem dizer que há algo novo e isso significaria que não poderia ser explicado por ideias anteriores. A novidade da globalização, no entanto, nunca é explicitada no aspecto qualitativo, apenas no quantitativo. No fundo, trata-se de um pensamento ilusório, que se ilude com as aparências e transforma, o que é característico da ideologia, ou seja, transforma a aparência em essência, fazendo mutações de quantidade aparecer como se fosse uma mutação de qualidade. O algo novo pode ser o “fim da história” (FUKUYAMA, 1992) com a supremacia dos valores liberais, e isso foi

colocado por Fukuyama - que já mudou de ideia e a própria desestabilização após 2008 já apontou para o equívoco desse tipo de posicionamento, ou um “novo paradigma das ciências sociais” (IANNI, 1994), que, no entanto, já foi superado. A globalização, no caso dessas duas ideologias específicas, foi tão importante e forte que não durou mais que duas décadas.

Um elemento fundamental, além da inversão ideológica, é os interesses por detrás dessa concepção. O caráter determinista e muitas vezes fatalista expresso pela ideologia da globalização foi destacado por alguns autores (BAUMAN, 1999; FORRESTER, 2001; VIANA, 2009). A globalização, no período auge dessa ideologia, apontava até mesmo para o fim dos Estados-nações. A quem interessa defender a ideia de inevitabilidade da globalização? Sem dúvida, aqueles que ganham com o discurso, pois assim podem justificar tudo que fazem e mostrar que é impossível ser diferente. A ideologia da globalização está ligada aos interesses da classe dominante, especialmente o grande capital oligopolista transnacional².

Ora, se a globalização não passa de uma ideologia, uma falsa consciência, então o que ocorreu no mundo que foi chamado de globalização? Ou não ocorreu nada de novo? Na verdade, houve uma mudança de regime de acumulação, que passou do conjugado (também chamado de “fordista”) para integral (também chamado “flexível”). No caso mais específico das relações internacionais, ocorreu um processo de mutação da exploração internacional, uma nova forma de imperialismo. Esta nova forma de imperialismo pouco mudou em relação à forma anterior, sendo que sua principal característica foi a intensificação da exploração internacional e alguns mecanismos criados para a realização disso. Esse é o caso, por exemplo, da NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), um tratado entre Estados Unidos, Canadá e México,

² Este também tem interesse no neoliberalismo e na ideia de “livre mercado internacional”, como também na chamada reestruturação produtiva. Esses três elementos são complementares.

que entrou em vigor em 1994. Nesse mesmo ano foi apresentada a proposta da ALCA (A Área de Livre Comércio das Américas) por Bill Clinton, mas não se concretizou. A ideologia da globalização vinha a calhar para justificar e legitimar tais propostas. A NAFTA foi implantada e o empobrecimento do México não deixou de ser percebido, assim como também, não deixou de ser percebida a radicalização das lutas sociais – Chiapas, depois Oaxaca. A NAFTA, assim como era intenção da ALCA, visava permitir um livre mercado que beneficiava os Estados Unidos em detrimento dos demais países e foi o que ocorreu na relação deste país com o México.

Essas considerações podem ser sintetizadas nos seguintes aspectos: a) a chamada “globalização” é uma ideologia, ou seja, um pensamento sistemático e falso; 2) essa ideologia foi forte e poderosa durante alguns anos, tornando-se um modismo; 3) o termo “globalização” ficou indefinido ou foi mau definido e apresentava o discurso de uma suposta novidade radical que não ultrapassa o nível da aparência; 4) o fatalismo era uma das características e servia para legitimar e justificar os interesses do grande capital transnacional, que era aumentar a exploração internacional; 5) o que a ideologia da globalização apresentou como mudança radical era apenas uma nova forma assumida pelo capitalismo, o regime de acumulação integral, especialmente a nova forma assumida pelo imperialismo, que buscava intensificar a exploração internacional.

Diante do exposto, a ideologia da globalização foi apenas mais uma ideologia que surgiu para servir aos interesses do grande capital transnacional e os países imperialistas, especialmente os Estados Unidos. Uma ideologia legitimadora e justificadora desse processo. E, como toda ideologia, um pensamento sistemático falso. Apesar disso, ainda persiste autores e intelectuais falando da suposta “globalização”, mesmo depois das diversas críticas feitas. O seu enfraquecimento não significou ainda a sua superação total, mas é o que deve ocorrer mais cedo ou mais tarde.

Referências

- BARBOSA, Alexandre. *O Mundo Globalizado*. Política, Sociedade e Economia. São Paulo, Contexto, 2007.
- BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Löic. *O Imperialismo da Razão Neoliberal*. Sociologia em Rede, Vol. 3, num. 3, 2013.
- BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Löic. *Sobre as Artimanhas da Razão Imperialista*. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de Educação*. 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 2001.
- FORRESTER, Viviane. *Uma Estranha Ditadura*. São Paulo, Unesp, 2001.
- FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
- IANNI, Octavio. *A Sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- IANNI, Octávio. Globalização: Novo paradigma das ciências sociais. *Estudos Avançados*. vol.8, n.21, São Paulo, Mai./Ago. 1994.
- IANNI,, Octávio. *Teorias da globalização*. 11ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VIANA, Nildo. A Globalização e o mundo ideologizado. *Revista Espaço Livre*, v. 6, n. num. 11, 2011.
- VIANA, Nildo. *O Capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- VIANA, Nildo. *Sociedade Global: Ficção ou Realidade*. Teoria & Práxis. nº 5, maio de 1995.